

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

INSTITUTO DE ARTES

DEPARTAMENTO DE MÚSICA

EDUCAÇÃO MUSICAL NA MATURIDADE:

UM ESTUDO COM ADULTOS MÉDIOS

Maria Eunice Dornelles Corrales

Porto Alegre, 2009

MARIA EUNICE DORNELLES CORRALES

**EDUCAÇÃO MUSICAL NA MATURIDADE:
UM ESTUDO COM ADULTOS MÉDIOS**

Trabalho de Conclusão de curso de música para obtenção do título de Licenciatura em Música-ênfase Piano da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Professora Orientadora: Jusamara Souza

PORTO ALEGRE, 2009

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço ao meu marido e filhos pela compreensão e paciência que tiveram comigo durante os últimos seis anos.

Um agradecimento especial ao professor Ney Fialkow, que durante seis semestres se empenhou muito em me fazer crescer e adquirir alguma técnica pianística. Não foi fácil, mas com a dedicação dele e a minha persistência e esforço, consegui chegar ao final do curso de piano.

Não poderia aqui deixar de lembrar o professor Pablo Gusmão, que não está mais na nossa universidade, mas que deixou muitas saudades. O professor Fernando Mattos, sempre tão atencioso e solícito. Enfim, agradeço a todos os professores do Instituto de Artes que de uma forma ou de outra participaram da minha formação musical.

Agradeço à professora Esther Beyer pelo apoio, pela amizade, sempre tão atenciosa comigo, apesar de todos os problemas que tem enfrentado. Por fim um agradecimento especial à professora Jusamara, minha orientadora, sempre tão gentil, uma pessoa muito meiga e principalmente muito competente no que faz.

“ A idade do adulto médio é a época da plenitude na qual se obtém o fruto de muitos esforços. Também lembra um outono quando se recolhe os frutos e as cores são brilhantes, porém suaves.”

Juan Mosquera

RESUMO

A presente monografia trata de um estudo feito com adultos médios que, conforme a classificação de Juan Mosquera são aqueles indivíduos que estão na faixa etária entre 40 e 65 anos. O foco deste trabalho é elucidar as razões, os motivos que levam esses adultos a procurarem uma aprendizagem musical nesta fase de suas vidas. O método que foi utilizado nesta pesquisa é o qualitativo. Foram selecionados seis adultos para serem entrevistados, três homens e três mulheres. As entrevistas foram individuais, gravadas com a anuência dos entrevistados, para posterior análise. Quatro dos entrevistados ainda atuam no mercado de trabalho, uma é aposentada e outra é dona de casa. Cada um deles com suas características individuais, suas preferências, suas histórias e vivências pessoais. Uma coisa percebeu-se em comum a todos eles: todos amam a música e fazem qualquer sacrifício para poderem usufruí-la. A partir das respostas obtidas constatou-se que a prática musical traz uma contribuição muito significativa na qualidade de vida de todos os entrevistados. No transcorrer das entrevistas ficou claro que as pessoas consideram que não existe um limite de

idade que impeça o adulto de procurar uma aprendizagem musical, basta ter vontade, sensibilidade e amor pela música.

Palavras chave: Educação Musical, adulto médio, motivação.

ABSTRACT

The present paper is a study with average adults, which according to Juan Mosquero's classification, are those between 40 and 65 years-old. The purpose of this study is to expose the reasons and motives why these individuals seek music education at this point of their lives. The qualitative method was used on this study. Six adults, three men and three women, were selected to be interviewed. The interviews were held individually and recorded with the permission of the interviewed for further analyses. Four of the subjects are currently working, one is already retired and another is a housewife. Each one of them has its own personal characteristics, preferences and personal history and experiences. It was noticeable that, despite their differences, they had one thing in common: their love for music and the willingness to make any sacrifices necessary in order to enjoy it. The answers given showed that practicing music has a significant contribution on the quality of live of those interviewed. During the interviews it was made clear that people believe that there is no age limit for adults to start the learning of music. The only things necessary are the willingness to do so, sensibility and the love for music.

Key Words: Music Education- Average Adult- Motivation

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	08
2 REVISÃO DE LITERATURA.....	13
3 REFERENCIAL TEÓRICO.....	16
4 MÉTODO.....	19
4.1 Metodologia qualitativa	19
4.2 Técnica de pesquisa: Entrevista semi-estruturada.....	19
4.3 Seleção dos participantes.....	20
5 ANÁLISE DOS DADOS.....	22
5.1 Pequena bibliografia dos entrevistados.....	22
5.2 Motivação, primeiros contatos e momentos musicais marcantes.....	23
5.2.1 Motivação para o estudo da música.....	23
5.2.2 Primeiros contatos com a música.....	27
5.2.3 Momentos musicais marcantes.....	29
5.3 Cotidiano musical e a importância da música.....	32
5.3.1 Papel da música no cotidiano dos entrevistados.....	32
5.3.2 Importância da música.....	34
5.4 Papel da família e repercussão social.....	37
5.4.1 Papel da família.....	37
5.4.2 Repercussão social.....	39
6. CONCLUSÃO.....	43
REFERÊNCIAS	46

1. INTRODUÇÃO

“Assim como o pulsar involuntário do coração produz o ritmo da vida, a música nos devolve o pulsar da vida.”
(Torres, 1995, p.36)

Esse trabalho investiga o que leva pessoas adultas a procurar uma aprendizagem musical já que, para muitos, passaram da “idade ideal para iniciar esse processo. A pesquisa que me propus a realizar foi fruto de um questionamento que fiz a mim mesma e que pretendi estender a outras pessoas. No meu caso, em particular, a possibilidade de realizar essa aprendizagem musical só foi possível após minha aposentadoria. Era um sonho que tinha desde a minha infância, mas nunca foi possível realizá-lo. Primeiro porque na minha cidade não havia conservatório de música e pagar professor particular ou ter um piano em casa era inviável, devido às condições financeiras de meus pais. Posteriormente, vim para Porto Alegre trabalhar e fazer faculdade (formei-me em Administração de Empresas em 1976). Casei, tive três filhos, mas o sonho de ser uma “pianista” ficou latente durante todos esses anos.

Fiz aulas particulares de piano durante quatro anos e finalmente em 2004 ingressei no curso de graduação da UFRGS, sabendo que iria encarar um grande desafio. Enfrentei barreiras, dificuldades e até preconceitos. Existe na nossa sociedade um senso comum de que aprender música é possível apenas para pessoas de faixas etárias mais jovens. Sloboda, (apud Souza, 2007, p.5) afirma que os seres de todas as idades têm capacidade de processar o material sonoro, tanto absoluto quanto relativamente, e que essas habilidades podem ser desenvolvidas com o treino.

Referindo-se ao estigma da idade, relacionado à aprendizagem musical, Roy Ernst (apud Souza, 2007, p.7) diz que os indivíduos que começam a aprender música depois de adultos não terão o mesmo patamar técnico que poderiam ter se tivessem iniciado mais cedo, porém, a experiência e a bagagem musicais que têm contribuem bastante para a questão crucial em música que é a interpretação de uma peça musical.

Diante dos mitos e estigmas encontrados em nossa estrutura e prática social com relação à aprendizagem musical de indivíduos adultos, surge uma pergunta: o que leva estas pessoas a procurar uma aprendizagem musical nesta fase de suas vidas?

Quando fui abordada a respeito do tema que iria escolher para futura investigação, logo me veio à mente este questionamento, tendo em vista estar muito relacionado à minha experiência pessoal. A curiosidade de saber como são estas práticas e como elas influem na vida pessoal destas pessoas levou-me à decisão do tema deste trabalho.

Com o intuito de delimitar meu campo de pesquisa, adotei a classificação de vida adulta colocada por Mosquera (1987, p. 97), pesquisando adultos médios, ou seja, pessoas com idade entre 40 e 65 anos. Referindo-se a esta fase do adulto, Lidz (1980, p.479) diz:

“Se compararmos a vida com uma peça teatral, a adultez média é o período que conduz ao ponto

culminante do drama, o inclui e lhe segue imediatamente. Todas as personagens apareceram em cena, já se apresentou o tema e o contratema e ao findar o terceiro ato chega-se ao desenlace que conduz a uma inevitável conclusão do quarto ato.”

A idade adulta média constitui o núcleo da vida, sentido por muitos como o ponto culminante. Esta idade leva a uma estabilização de tudo aquilo que até agora se encontrava em agitação. Segundo Remplein (1977, p. 570) no que se refere ao temperamento o homem se sossega, cede passo para uma atitude mais séria e reflexiva. É uma fase em que o indivíduo passa por uma série de reformulações que constituem na inquirição do que se é, porque se está vivendo, gerando dúvidas existenciais e contradições internas (Mosquera, 1987, p. 107).

A diferença entre o adulto jovem e o adulto médio, em termos temporais, consiste em que o primeiro parece possuir diante de si um tempo ilimitado enquanto o adulto médio se dá conta do limitado caráter temporal para a realização de seus planos e procura estabelecer algumas linhas de ação que garantam os seus desempenhos e significados pessoais. E é neste contexto que, na maioria das vezes, nos deparamos com o adulto à procura de experiências não vividas e sonhos não realizados. O aprendizado musical é um dos tantos caminhos que o indivíduo procura nesta fase.

A questão que norteou essa pesquisa foi: quais os motivos que levam adultos médios a buscar aprendizagens musicais na idade atual?

Como objetivo geral a pesquisa pretendeu investigar quais são os fatores que influem na decisão do adulto médio em aprender música. Para tal considerei os seguintes objetivos específicos:

- Identificar até que ponto o meio familiar ou social teve participação na decisão desse adulto;
- Investigar se fatores econômicos motivaram esse adulto a tomar a decisão de iniciar o processo de aprendizagem musical, ou seja, se em algum momento pensou em profissionalizar-se;
- Identificar se vivências musicais ou momentos musicais marcantes podem ter desencadeado no adulto médio a necessidade de inserir o aprendizado musical na sua trajetória de vida;
- Elucidar razões interiores ou componentes pessoais que possam ter influenciado na sua decisão de aprender música.

Muito se sabe sobre a infância e adolescência, porém, quase nada sobre a fase adulta. . Com relação a isso, (Comiotto, 1992, p.23), diz,

“Apesar de a criança de ontem ser o adulto de hoje, essa trajetória repleta de vivências

significativas, marcada por múltiplas elaborações e re-elaborações, impregnada de situações conflituosas, ainda não tem merecido, por parte de muitos teóricos, a devida importância”.

Conforme pude observar, através de estudos de Mosquera (1987) e Comiotto (1992), é nesta etapa da vida que os adultos se deparam com conflitos existenciais profundos, decorrentes:

- do balanço de etapas passadas;
- da busca de soluções para seus problemas afetivos, conjugais e familiares;
- da permanente procura de um significado para seus sentimentos;
- da razão de viver situações por vezes conflituosas em seus relacionamentos intra e interpessoais
- da procura de gratificação pessoal, de estabilização na atividade profissional e de realização social ;

A adultez média é um momento existencial rico. É nesta etapa da vida que as pessoas se questionam com mais intensidade sobre seus sentimentos, seus projetos de vida. As frustrações advindas pelo desgaste das relações, o sentimento de “ninho vazio” ou de “perda dos filhos”, pela emancipação progressiva ou brusca dos mesmos, a diminuição do vigor físico, da capacidade de memória, da resistência ao trabalho, associada à incapacidade de operar modificações em sua própria vida , podem gerar um sentimento de menos valia, atingindo significativamente a sua auto-estima.

O conhecimento das alterações que acontecem na vida do adulto médio é muito importante para o educador musical, no momento em que se propõe a trabalhar com alunos desta faixa etária. Ele deve estar bem consciente dessas alterações para entender e compreender melhor os motivos que levam este adulto a procurar a aprendizagem. Este conhecimento pode lhe ajudar a desenvolver um trabalho eficiente com estas pessoas, adotando estratégias adequadas ao perfil de cada uma delas. Conforme Beyer (1999, p.10), todo o cuidado deve ser tomado para não transformar a atividade musical – que na rua, nas festas, nos bailes, etc. é tão contagiante e atraente – em algo enfadonho e cansativo.

Assistimos em nossa sociedade a inúmeras iniciativas que realizam programas de interação social da população madura. Dentre os diversos projetos educacionais realizados destacam-se aqueles que incluem atividades musicais, pelo seu significado relacionado à auto-satisfação e ao prazer. Ocorre um envolvimento emocional que acaba estimulando principalmente o resgate da auto-estima das pessoas dessa faixa etária.

Conforme Luz, apud Willems (1970, p.11), a música favorece o impulso da vida interior e apela para as principais faculdades humanas: vontade, sensibilidades, amor, inteligência e imaginação criadora. Por isso a música é encarada quase unanimemente como um fator cultural indispensável, independente da faixa etária em que se encontre o indivíduo. A música, indiscutivelmente, tem forte influência sobre a afetividade, daí sua imensa importância como fator educativo.

Diante das informações que consegui reunir a respeito do adulto médio, dos seus anseios, suas vontades e limitações, da importância da música na vida das pessoas, resolvi ir a campo e verificar *in loco* quais os reais motivos que levam essas pessoas a procurar uma aprendizagem musical nesta altura de suas vidas. Creio que tendo um conhecimento melhor sobre o assunto, qualquer pessoa que se habilite a trabalhar musicalmente com adultos terá mais chance de êxito na sua tarefa.

2. REVISÃO DE LITERATURA

A revisão bibliográfica que antecedeu a esse estudo levou-me ao conhecimento de alguns trabalhos que demonstram preocupação com o indivíduo adulto, principalmente com o seu processo de musicalização.

Torres (1995) fez um estudo onde buscou compreender como ocorre o processo de musicalização na vida adulta através da vivência de doze pessoas, cujas idades variavam de trinta e quatro anos a sessenta e quatro anos. A autora pesquisou sobre os sentimentos e motivações que levam os adultos na busca por atividades musicais, questionando a respeito dos motivos que levam essas pessoas a procurarem a música nesta fase de suas vidas.

Durante a fase adulta, o indivíduo passa por várias etapas, cada uma delas com características peculiares: o adulto jovem com suas aspirações, projetos de vida, de trabalho; o adulto médio com as mudanças físicas, a família e os filhos, a realização no trabalho, dúvidas existenciais e o balanço da vida; o adulto velho com problemas na sociedade em aceitá-lo, a aposentadoria, perdas de pessoas queridas, lembranças de um tempo que já passou e só está na sua lembrança.

Conforme Torres (1995), as pessoas precisam expressar-se de alguma forma e a música é uma fonte geradora e canalizadora de expressões de sentimentos e emoções. Considera que as vivências e os sentimentos de cada pessoa enriquecem de maneira especial as experiências musicais e que esses adultos procuram a música muito mais pelo prazer estético, realização pessoal, busca de afetividades, do que por um desejo de profissionalização.

Renner (2007) realizou um trabalho com adultos maduros, cuja faixa etária variava de 41 a 90 anos de idade e que tinham no seu cotidiano o fazer musical, seja através do canto, regência, execução instrumental ou da prática de ensino. O foco principal da autora neste trabalho era esclarecer as razões que levam estes adultos maduros a esta prática e qual a repercussão na sua qualidade de vida, tendo em vista ser a longevidade um tema bastante atual e desafiador.

Através da sua prática como educadora musical e constante investigação do processo de aprendizagem, percebeu o quanto era importante para um adulto o seu fazer musical. Acredita a autora que a prática musical é um poderoso instrumento para manter, ampliar e ativar todas as esferas da estrutura física, mental e social do indivíduo.

Luz (2008) faz um trabalho de sensibilização e prática musical direcionado a adultos e pessoas na maturidade. Dentre as diversas atividades musicais que realiza com esses adultos estão aquelas intimamente relacionadas à auto-satisfação, ao prazer e ao resgate de auto-estima dessas pessoas. O autor vislumbra uma educação musical, agora afastada de uma proposta pedagógica mecanicista, mas sim objetivando integrar a música ao leque das linguagens que auxiliam de forma satisfatória a formação integral do indivíduo, suprimindo suas necessidades existenciais, sensibilizando-o artística e esteticamente. Busca ainda, melhorar a qualidade de vida desses indivíduos, sua saúde, tanto física como mental.

Usando dos conhecimentos que tem na área de Gerontologia Social e da experiência que tem como músico e educador, o autor nos apresenta um panorama histórico, social, político e pedagógico acerca das possibilidades do trabalho de Educação Musical na Maturidade, refletindo sobre caminhos, limites, mitos e perspectivas que alicerçam a temática no atual cenário educativo do país.

Bonilla (2002) realizou seu projeto de graduação em cima de trabalhos que realizou junto a idosos, na cidade de Porto Alegre/RS. Em 1999 surgiu a oportunidade de dirigir uma atividade musical junto aos moradores do Residencial Menino Deus, e ela resolveu encarar o desafio. Já nos primeiros contatos com esses idosos, percebeu que não seria conveniente abordar a música de acordo com os moldes acadêmicos ou escolares, pois o contexto era outro. Optou pelo que chamou de “encontros musicais”,

que deveriam oportunizar diversas atividades dentro de uma mesma sessão: apreciação musical, canto, dança e comentários sobre a música.

Com o passar do tempo, a autora foi formulando questões que a levaram a investigar a relação dos idosos (pessoas com mais de sessenta anos) com a música e o que mais a motivava era a hipótese de que a música pudesse cumprir determinada função dentro do cotidiano dessas pessoas, mesmo que elas não tivessem consciência disso.

Conforme nos sinaliza o último Censo (2000) realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, as pessoas estão vivendo mais e a questão passou a ser como se preparar para este mundo em transição. No livro publicado pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), em 2002, consta que, em um mundo onde as estruturas econômicas e sociais estão em plena mutação, aprender ao longo da vida não é mais um luxo e sim uma necessidade. Portanto, a amplitude da expectativa do tempo de vida das pessoas vai exigir inúmeras estratégias, através de metodologias educacionais, visando oferecer a elas, projetos de desenvolvimento cognitivo, afetivo e estético, na busca de agregar significados, estimulando a educação permanente na construção pessoal “desafiadora e transformadora” (FREIRE, 1997).

3. REFERENCIAL TEÓRICO

O indivíduo na fase adulta média passa por uma série de mudanças sob diversos aspectos: sociais, psicológicos, afetivos, etc. Conforme Comiotto (1992, p.24), nesta etapa depara-se com conflitos existenciais decorrentes de vários motivos, entre eles: balanço das etapas passadas e a permanente procura de uma significação para seus sentimentos.

Referindo-se aos sentimentos que o indivíduo carrega ao longo da sua trajetória de vida, Viscott (1982, p. 135) diz:

“Se cada um de nós usasse seus sentimentos como guia para percorrer o caminho, para nos tomarmos o melhor de nós mesmos, pelo menos estaríamos no caminho da descoberta, da realização em nossa própria vida e o mundo maior começaria a ter sentido”.

De acordo com Torres (1995, p. 33) a música, assim como as outras artes é uma fonte geradora e canalizadora de expressões, de sentimentos e emoções. Apresenta-se como uma das alternativas para aqueles que já passaram dos quarenta anos e procuram iniciar uma nova aprendizagem.

Definição de conceitos:

- VIDA ADULTA

A vida adulta constitui-se na fase mais ativa e longa dentro da sociedade. O ser humano adulto vivencia em suas próprias situações de vida características que lhe são particulares. A grande maioria produz e trabalha, do trabalho vive e dele sobrevive, em qualquer circunstância de realidade social, econômica e cultural. Estudar e entender a adultez é conhecer e perceber o que a sociedade busca em termos de futuro e qual ideário social está construindo.

De acordo com Mosquera (1987, p. 100), o adulto é uma pessoa continuamente exposta às solicitações e pressões do ambiente. Representa a chave da evolução social e o controle das outras gerações.

-ADULTO MÉDIO

“A idade do adulto médio é a época da plenitude na qual se obtém o fruto de muitos esforços. Também lembra um outono quando se recolhe os frutos e as cores são

brilhantes, porém suaves “(Lidz, apud Mosquera, 1987, p. 100)

Uma das fases da vida adulta é a da adultez média, que é a fase, conforme Mosquera (1987, p. 97) que inicia a partir dos quarenta anos e que dura até os sessenta e cinco anos aproximadamente. Nesta fase da vida, provavelmente o homem tenha alcançado seus objetivos particulares de família constituída, de empregabilidade e de moradia.

Não obstante, no adulto médio, segundo Mosquera (1987, p. 96),

“... parece existir, predominantemente, uma tendência à extroversão, isto é, uma visualização para o mundo exterior. O adulto médio se sente possuído pelo afã de produção e por interesses objetivos, deseja ser eficaz e ter êxito. Provavelmente para dar mais firmeza e conteúdo à segurança da sua própria pessoa.”

Nisso, provavelmente, percebe a utilidade de suas construções pessoais frente ao social, num ímpeto de ser útil e aprender o que é ser útil. O que motiva o adulto, nesta fase, possivelmente, é a própria disponibilidade. A motivação de desempenhar suas atividades e demonstrar suas capacidades tornam-se explícitas nas próprias ações sociais. Pode-se supor, também aqui, a retroalimentação de suas ações num sentido de superar os próprios erros.

Neste momento da vida adulta, fica evidente a necessidade de ressignificar todas as condutas sociais e buscar modos significativos de viver pessoalmente. Exacerba-se a preocupação com a aposentadoria, assim como fica enaltecida a percepção pelo desempenho das ocupações sócio culturais. Enfim, há um desejo intrínseco de ser recompensado por tudo de útil que tenha produzido ou que seja capaz de realizar.

Conforme Mosquera (1987, p.97), a década de quarenta representa para o adulto a ocasião em que pode olhar tanto para o passado como para o futuro. Existe uma avaliação crítica da vida e se colocam em julgamento os benefícios da experiência e significado pessoal. Com cinqüenta anos de idade, diz o autor, o adulto tem consciência do que é e olha as novas gerações como continuadoras do seu trabalho. Com sessenta anos de idade (ibid) o adulto médio prepara-se para receber sabiamente a aposentadoria e a necessidade de encerrar a vida profissional de maneira madura, de modo a deixar com pessoas jovens a responsabilidade e desempenho social. (ibid)

De acordo com Fiske (1981, p.9), a maioria das pessoas entre 40 e 60 anos acredita que se torna madura, no sentido de que suas potencialidades se sazonalizaram e tornaram-se realidade. É a Filosofia e não a Psicologia que tem se ocupado principalmente em definir o potencial humano, para o melhor ou para o pior. A Psicologia moderna

estuda o que as pessoas fazem, pensam e sentem, aqui e agora, e como o sistema nervoso se comporta sob várias circunstâncias, na maioria das vezes em laboratórios. A maturidade, se chegar a ser definida, será a média do que a maioria das pessoas de meia idade faz, pensa e sente, e as médias costumam ser pouco inspiradoras.

4. MÉTODO

4.1. METODOLOGIA QUALITATIVA

O método que foi utilizado nesta pesquisa é o qualitativo. Partindo das falas dos adultos médios, procurei entender os motivos que os levaram a procurar uma aprendizagem musical.

A abordagem da investigação qualitativa exige que se trabalhe com a idéia de que nada é trivial, que tudo tem potencial para constituir uma pista que nos permita estabelecer uma compreensão mais esclarecedora do nosso objeto de estudo (Bogdan e Biklen, p. 49). Conforme o autor, estas abordagens devem ser feitas no próprio local de estudo. Entende que as ações podem ser melhor compreendidas quando são observadas no seu ambiente habitual de ocorrência. Para o investigador qualitativo, divorciar o ato, a palavra ou o gesto do seu contexto é perder de vista o seu significado.

A pesquisa qualitativa não se preocupa com a representatividade numérica, mas sim com o significado que as pessoas dão às coisas e a sua vida. Conforme Bresler (2007, p. 16), neste tipo de abordagem o investigador está preocupado com os diferentes significados que ações e eventos adquirem para diferentes pessoas, suas referências, seus valores, prestando atenção às intenções dos indivíduos objeto da investigação.

4.2. TÉCNICA DE PESQUISA: ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA

A entrevista semi-estruturada se mostrou a técnica mais adequada para a coleta de dados neste tipo de investigação que me propus a fazer. Este tipo de entrevista consiste, segundo Laville e Dionne (1999, p.188) em perguntas abertas, feitas verbalmente, seguindo um roteiro organizado pelo investigador, sendo possível acrescentar perguntas esclarecedoras ou reformulá-las para atender às necessidades do entrevistado. Às vezes é necessário mudar a ordem das perguntas em razão de respostas já obtidas. Outras vezes, é necessário acrescentar perguntas quando se quer um aprofundamento das respostas.

Uma das grandes vantagens da entrevista semi-estruturada, segundo Casey (apud Santos, 1998, p. 42) é a sua adaptabilidade, já que o entrevistador pode guiar o curso da entrevista, alcançando os objetivos da pesquisa e obtendo informações adicionais com maior clareza nos dados coletados.

4.3. SELEÇÃO DOS PARTICIPANTES

Para selecionar a amostra dos adultos médios que iria entrevistar, fiz contato com professores de música que tinham alunos na faixa etária de 40 a 65 anos. Conversei com estas pessoas a fim de saber se concordavam em fazer parte da pesquisa. O critério para seleção da amostra foi o da disponibilidade e proximidade. A entrevista foi agendada com antecedência, em dia e horário adequados ao entrevistado.

Trabalhei com seis adultos, com idades variando de 44 a 65 anos, de áreas profissionais diversas. Três homens e três mulheres fizeram parte dessa pesquisa. As entrevistas foram feitas no mês de outubro de 2009. Quatro dos participantes fizeram a entrevista na própria escola onde estudam, um dos homens foi entrevistado na sua casa, já que estuda com professor particular. Uma das mulheres foi entrevistada em seu escritório de trabalho. Como ela faz aulas ao sábado e a escola fecha ao término da sua aula, combinamos que nos encontraríamos no seu escritório.

Os instrumentos musicais tocados pelos entrevistados são teclado (quatro) e sax alto (dois).

Todos os entrevistados mostraram-se bastante receptivos, concordaram prontamente com a gravação da entrevista e demonstraram satisfação em poder colaborar com esse trabalho e, ao mesmo tempo, poderem falar um pouco da sua trajetória musical. No final das entrevistas percebeu-se que cada um tinha as suas características individuais, suas preferências, suas histórias e vivências pessoais.

Os nomes dos entrevistados são fictícios. O critério utilizado para nomeá-los foi escolher um nome que começasse com a primeira letra do seu nome verdadeiro ou sobrenome, tendo em vista que três das entrevistadas começam com a letra I.

5. ANÁLISE DOS DADOS

5.1. PEQUENA BIOGRAFIA DOS ENTREVISTADOS

Fábio - Tem 44 anos e é empresário. Estuda sax alto há 4 anos em uma escola particular. Matriculou-se, a convite de um amigo nesta escola e nunca havia estudado música anteriormente. Com 16 ou 17 anos pensou em estudar piano com uma namorada da época, que tinha um piano em casa, mas o instrumento foi vendido e o estudo teve que ser protelado.

Antônio - Tem 50 anos e é administrador. Assim como Fábio, estuda sax alto há 4 anos. Os dois fazem aulas juntos, uma vez por semana na mesma escola. Quando ainda era jovem, estudou piano durante uns 6 ou 7 anos.

José - Tem 52 anos e é Técnico em Informática. Faz 3 anos e meio que começou o estudo de teclado, primeiro em uma escola particular, atualmente com uma professora particular. José começou do zero, nunca tinha tido qualquer outra experiência com instrumento musical. A entrevista foi feita na sua residência.

Inês- Tem 52 anos, é Engenheira Eletricista. Faz 2 anos que estuda teclado em escola particular. Quando ainda menina, estudou acordeom, chegando a formar-se no instrumento. Tocou acordeom até os 20 anos e parou. Durante todos esses anos não estudou mais música, só retornando há 2 anos atrás, quando resolveu aprender a tocar teclado.

Paula – Tem 65 anos, do lar. Faz uns 5 anos que estuda teclado em uma escola particular. Assim como Inês também se formou em acordeom quando jovem. Apesar dos seus 65 anos é uma pessoa muito disposta e alegre e diz que não saberia viver sem a música.

Maria - Tem 58 anos e é uma Juíza aposentada. Começou a estudar teclado em uma escola particular em 1996, estudou dois anos e teve que parar em função do seu trabalho. Depois de aposentada resolveu retomar seus estudos e voltou para a antiga escola, onde estuda teclado há 4 anos. Recentemente matriculou-se nas aulas de técnica vocal, pois adora cantar.

5.2- MOTIVAÇÃO, PRIMEIROS CONTATOS E MOMENTOS MUSICAIS MARCANTES COM A MÚSICA

5.2.1 - MOTIVAÇÃO PARA O ESTUDO DA MÚSICA

”Depois que meus filhos todos casaram a casa ficou muito vazia e como eu gosto muito de música e o meu marido também, voltei a estudar. Isso já faz uns cinco anos.”

Quando nos remetemos ao assunto “ensino de música na maturidade”, surge a pergunta: Por que aprender música nesse momento da vida?

Entende-se que esse questionamento indica a presença do mito e do estigma relacionado à possibilidade da Educação Musical, especialmente na maturidade. Acrescenta-se ainda o desconhecimento dos benefícios, que no âmbito do

desenvolvimento pessoal, a aprendizagem musical pode proporcionar a quem se propõe a vivenciá-la

Através das falas dos entrevistados foi possível perceber que a procura por uma aprendizagem musical muito tem a ver com o passado dessas pessoas, presença marcante dos pais, a vontade de tocar um instrumento que os acompanhou durante anos, a impossibilidade de realizar este desejo antes, devido a imposições da vida e do trabalho, e o amor que todos demonstraram pela música.

“Na caminhada da vida adulta, chega um determinado momento em que paramos para refletir, repensar nossa postura diante da vida, nossos valores e, muitas vezes, corajosamente, abrimos “nosso baú” de sonhos e desejos não realizados. Sempre é tempo de realizá-los.” (Torres, 1995, p. 94)

Duas das pessoas entrevistadas tinham se formado em acordeom quando eram jovens. Nesta época o instrumento estava na moda e era mais acessível financeiramente que o piano.

Um exemplo dessa situação é Inês, que afirma que o estudo de acordeom não foi uma coisa imposta, gostava muito, mas que as “indas e vindas” da vida não permitiram que continuasse, só podendo retornar aos estudos da música há 2 anos atrás. Diz ela que sempre levava o filho nas aulas de teclado e ficava esperando na sala de espera e o marido sempre junto. Em uma das apresentações do filho na escola, convidou alguns amigos para a audição. Um dos amigos ficou tão entusiasmado que propôs que se matriculassem também no curso. Ela gostou da idéia, falou com o professor para saber se era possível. O mesmo os convidou para uma aula experimental. Resumo: matriculou-se juntamente com o marido e até hoje estudam na mesma escola do filho. O amigo que havia dado a idéia até hoje não se matriculou. “Retomar meus estudos foi fantástico, é como começar de novo”, conclui.

Tal como Inês, Paula também estudou acordeom na juventude. Define-se como uma pessoa muito alegre, divertida, gosta de cantar, ama a música e o teclado. Um dia foi na casa de uma prima do marido e ela estava tocando teclado. Isto aguçou mais a vontade que tinha de tocar o instrumento. Depois que os filhos casaram e a casa ficou muito vazia resolveu comprar um teclado, matriculou-se em uma escola e foi estudar música. Isso já faz cinco anos.

Conforme Fiske (1981, p. 68), o sentimento de esvaziamento do lar ou do “ninho vazio”, embora possa parecer como sendo gerador da angústia é “o evento que dispara nas mulheres a liberação de emoções, acumuladas há muito tempo, resultantes do sentimento de estarem sendo tolhidas”.

Quando perguntado sobre os motivos que o levaram a estudar música neste estágio da sua vida, Antônio fez a seguinte colocação:

“Chegou um momento na vida que eu achei importante tocar um instrumento, até porque eu tenho uma filosofia: a gente quando vai se tornando mais velho a gente tem que se tornar um adulto interessante, e para isso tu tem que ser um bom contador de histórias, ou um bom cozinheiro, ou tocar algum instrumento, ou ser muito culto, prá que as pessoas fiquem em volta de ti. Então achei que era importante começar com um instrumento. O sax sempre me atraiu, achei que era mais fácil um instrumento solitário, tu pode tocar sozinho, pode tocar prá ti, pode tocar prá pessoa que tu ama, pode tocar prá os teus amigos, acho que é importante.”

Segundo Foucault (2009) o adulto tem que se tornar uma pessoa interessante, tem que se tornar uma pessoa rica. Para que seja construída uma relação interessante com os outros, primeiro o indivíduo precisa construir uma relação interessante consigo mesmo. A relação com o outro só é interessante se a pessoa trabalhar para ser alguém interessante para si mesmo.

Fábio também estuda sax alto tal como Antônio e foi a convite deste que há quatro anos iniciou seu estudo do instrumento. Desde a sua juventude sempre teve vontade de tocar um instrumento musical e, na sua modesta visão, acha que tem boa percepção musical. Considera que o gosto que tinha pelo canto e dança proporcionou ter vontade de tocar um instrumento. Quando começou a namorar sua atual esposa, há 17 anos, pediu que ela lhe ensinasse a tocar piano. Não chegou a aprender, pois o piano pegou cupim e tiveram que dá-lo. O sonho de aprender a tocar um instrumento musical precisou ser protelado, só conseguindo realizá-lo agora.

“Então eu acho que foi essa vontade, sempre tive vontade de aprender música e por convite de um amigo... O sax sempre foi uma coisa que atraiu, uma coisa que tem uma melodia muito bonita, então isso me proporcionou e esse amigo me convidou e descobriu onde tinha aula e nós começamos a ter aula de saxofone”, diz Fábio.

Quatro dos entrevistados já tinham estudado música na sua juventude: Antônio-piano, Inês- acordeom, Maria – piano, Paula- acordeom e dois nunca tinham estudado. José faz parte dessa última estatística. Sempre foi um aficcionado por música instrumental, tinha vontade de aprender a tocar teclado, mas nunca arrumava tempo, conforme ele, para se dedicar e investir nisso. Achava que não ia conseguir aprender, que era muito difícil, que já era tarde para começar.

“Quando eu era mais novo eu escutava música e ficava assim com a mão, como se tivesse tocando, dedilhando em qualquer coisa, gostava muito de ficar brincando com os dedos”, confessa ele. Quando se separou da esposa e os filhos saíram de casa, começou a pensar em comprar um teclado e estudar música. Relata José: “... Um dia me deu uma vontade, tava pensando: eu acho que vou me dar de presente um teclado e vou tentar aprender. Quando fui na loja, o vendedor começou a tocar, fez uns acordes, eu fiquei admirando ele. Aí o entusiasmo foi ainda maior e pensei: eu vou aprender a

tocar.” Comprou o teclado e foi atrás de um professor particular. Já faz três anos e meio que estuda.

José fala da importância e da vantagem de estudar teclado neste estágio da sua vida: “Neste momento já não tem aquela ansiedade de aprender, pressa de querer aprender, prá quem esperou até agora o negócio é ter tranquilidade para aprender naturalmente. Acha que a professora que tem exerce um papel fundamental para a sua perseverança ou não desistência das aulas:” A gente tem uma negociação super flexível, tudo é decidido em conjunto, em acordo, ela tem muita paciência comigo e isso me ajuda bastante.”

Luz, (2008, p. 40), confirma uma visão deturpada de nossa sociedade em relação à aprendizagem musical na maturidade, no sentido de alimentar na memória e imaginação coletiva, apenas a existência de uma metodologia de dificuldades, e que leva a resultados somente por processos árduos. Moragas (1997, p. 66), referindo-se à negação da possibilidade da aprendizagem na maturidade, adverte que “com esse condicionamento adverso é difícil propor, de maneira favorável, a aprendizagem musical nesta etapa da vida de uma pessoa”.

Um aspecto interessante na trajetória de Maria, juíza aposentada, 58 anos, é o fato de lembrar o quanto seu pai cantava para ela na infância, lhe ensinava muitas canções, que ela depois queria cantar na escola e na Igreja. Gostava muito de cantar e sempre que possível participava de algum coral na sua cidade do interior. Quando estava no internato chegou a estudar piano por um ano, mais ou menos. Depois saiu do colégio e não teve mais oportunidade de continuar nem condições de ter um piano em casa. Estudou uns seis meses de violão com seu pai e como tinha passado no vestibular de música da UFRGS, teve que vir para Porto Alegre. Fez somente o primeiro semestre: havia passado no concurso da CEEE e estavam chamando para trabalhar. No segundo semestre pediu transferência para o curso de Direito, que era à noite, pois precisava trabalhar de dia. Naquele momento da sua vida o trabalho era mais importante e a música passou para segundo plano.

O tempo foi passando, mas “isto sempre me chamava”, como diz ela. Em função dos estudos e do trabalho, das peregrinações que a profissão lhe impunha, só pode voltar a se dedicar à música em 2003, quando da sua aposentadoria. “Em 2003 quando me aposentei começou aquela coceirinha (risos) da música, aí retornei e não parei mais. Recentemente comecei a fazer aulas de canto, certas coisas de voz, de respiração, né, que é bem gostoso de fazer também”, conclui.

Pelas falas dos entrevistados tem-se a percepção de que deixaram para trás um mundo não vivido, um vazio existencial, projetos de vida que foram esboçados e não concretizados até então.

Por mais repleta e rica que seja a vida, ela deixa grandes questões que, no tempo da trajetória de vida como adultos médios, aportam, buscando uma tentativa de solução, um resgate vivencial para sentirem-se mais completos, dentro de suas

incompletudes, mais inteiros, dentro de suas abaladas integridades pessoais (Comiotto, 1992, p. 414).

5.2.2. PRIMEIROS CONTATOS COM A MÚSICA

... “Quando eu tinha 8 ou 9 anos o meu pai me colocou para tocar piano e eu toquei durante uns seis anos. Na realidade era um sonho do meu pai e não um sonho meu...”

Quando questionados a respeito dos primeiros contatos que tiveram com a música tanto Fábio como Maria, Paula e José retornaram à infância e mencionaram as primeiras canções que ouviram. O primeiro recorda da sua mãe e diz que ela cantava muitas canções para ele e o incentivava a conviver no CTG- Centro de Tradições Gaúchas – onde cantava, dançava e até declamava algumas vezes. Lembra ainda que quando era pequeno e chegava sete de setembro, tinha que ensaiar as músicas, sempre participava de apresentações na escola e gostava muito disso.

Maria lembra a figura do pai, era filha única e o pai sempre cantava muito para ela. Desde que era muito jovem aprendeu com ele a cantar muitas músicas. O pai a incentivou muito e sempre que tinha oportunidade cantava na Igreja ou na escola. Quando jovem, ainda no internado, teve contato com o piano e estudou durante uns seis meses violão com seu pai.

Paula também lembra com carinho a figura do pai:

. ...” Eu tinha uma amiga que tocava acordeom e cantava, mas ela não cantava bem, ela tinha uma voz feia, mas eu cantava bem, modéstia, né? Tenho bastante melodia. Aí eu fui aprender, meu pai me incentivou, foi o meu maior incentivador, me botou numa escola e eu fui aprendendo. Alí foi um pulo, né, alí eu tocava e cantava. Naquela época tinha muito acordeom, época da Meri Terezinha, aquela coisa toda ,né, e eu gostava, eu tinha paixão pela gaita, então fui aprendendo”.

José se lembra da mãe e do seu primeiro disco: ganhou da mãe um disco dos Beatles, quando tinha nove anos:

...” um compacto, que era o Help, tinha quatro músicas e o retrato deles na capa, com aquele cabelo, franjinha e aquilo me atraía assim de dizer: quando eu crescer vou ser igual a eles, porque achava bonito os caras de gravatinha, com aquele cabelão e tal e tanto que eu fui assim na minha adolescência. “

Em outro dia, José escutou uma música no rádio e pediu à mãe que comprasse aquele disco, era dos Mutantes. Diz que foi assim que começou a gostar de música: com os Beatles e os Mutantes.

É bastante comum as pessoas procurarem uma realização através dos filhos, aqueles sonhos que ficaram para trás e não puderam ser realizados, mundos que não puderam ser vividos por uma série de fatores, frustrações que ficaram muitas vezes num passado bem distante. Antônio é um exemplo disso:

“ Foi quando eu tinha 8 ou 9 anos, o meu pai me colocou para estudar piano, estudei uns seis anos. Na realidade era um sonho do meu pai e não um sonho meu. Quando cheguei aos 14 anos, a juventude toda tocando violão, indo para as festas e eu com o piano, achava aquilo meio careta, não tive estrutura para suportar e larguei o piano, nunca mais estudei.”

Depois disso, nunca mais pensou em estudar música, só o fazendo agora depois de adulto, no limiar da terceira idade.

O ideal seria que os pais não obrigassem seus filhos a estudar um instrumento como se fosse um castigo e também não impusessem um instrumento que eles (os pais) gostariam de tocar. Conforme Torres (1995, p. 72), o essencial seria propiciar uma atividade musical agradável, lúdica, integrada com as vivências da criança e com prazer pessoal.

Já com Inês a situação foi diferente. A irmã mais velha ganhou um acordeom, fazia aula de música e, conforme ela ficava espiando, enlouquecida, a irmã tocar. Queria aprender, mas ainda não sabia ler. Assim que teve condições, começou seu estudo de acordeom por vontade própria. Formou-se em acordeom, chegou a fazer um curso básico de violão e estudou piano durante uns dois anos. Até os vinte e poucos anos envolveu-se com a música e depois parou, não tocou mais, nem acordeom nem qualquer outro instrumento. Diz ela que na sua juventude também tocou em um conjunto folclórico polonês e na banda do colégio tocava escaleta e pífaro. “... Depois disso não toquei mais, me formei, fui trabalhar fora do estado, daí depois me casei, tive filhos e nunca mais me interessei. O acordeom ficou na casa da minha mãe e eu não peguei mais”, conclui ela.

5.2.3. MOMENTOS MUSICAIS MARCANTES

...” Eu acho que o grande momento foi ter dado esse passo aos quarenta e quatro anos, ter procurado aprender o instrumento que te trazia uma lembrança boa, uma harmonia boa, acho que foi isso.”

Os momentos marcantes vivenciados pelos entrevistados sinalizam ações realizadas que podem ter deixado marcas, tanto positivas como negativas.

Antônio revelou em sua fala que é muito tímido e covarde para apresentações em público e que uma apresentação que fez em uma das audições da escola o marcou bastante: "... A gente se apresentou para muita gente, aí envolve não somente a música, mas o medo de se apresentar em público, então tem um outro sentido também, acho que é importante, cria um certo constrangimento, nervosismo...". Quando tinha dez ou onze anos também se apresentou em uma sociedade de Porto Alegre tocando piano para várias pessoas. "Isso acho que é o que ficou", conclui.

Inês também teve uma experiência negativa que a marcou bastante: na sua primeira apresentação em público, diz que tremeu muito, errou muito. Foi numa churrascaria, com palco e muita gente olhando. Não se considera uma pessoa tímida, mas diz que o momento foi bem embaraçoso e por isso marcante. Outro momento marcante para ela foi quando tocou no teatro do CIEE: "Foi bem importante porque foi uma coisa muito formal, diferente do que normalmente a gente faz, na churrascaria, amigos, conversas. Ali não, era um palco, era anunciado, tu chegava e tocava. Então aquela foi importante, pela preparação, aquele compromisso de não errar. Inclusive a gente se caracterizou, botava roupa, uma flor..."

Outro momento marcante para Inês foi a apresentação feita na Casa Menino Jesus de Praga. Através da sua empresa realiza um trabalho social naquela entidade e periodicamente fazem apresentações para as crianças, que possuem lesões cerebrais profundas, não se comunicam, não falam. Conta ela emocionada:

"...As crianças ficaram comovidas, de chorar mesmo, eles botavam o dedo no teclado e riam, a gente tem as fotos, aquilo foi uma coisa que me marcou bastante, ver a felicidade daquelas crianças. Até o pessoal comentou que eles tem que ter algo, né, não é um ser humano sem sentimento".

José também é uma pessoa muito tímida, fica nervoso até quando toca só para sua professora. Gosta de tocar para si mesmo, jamais em público. Como momento marcante mencionou o primeiro show que assistiu, foi no Gigantinho. Foi assistir o baixista do Pink Floyd, o Roger Waters: "Esse sim foi prá mim o que mais me marcou, esse foi mesmo de emoção, de chorar." Assisti também muitos shows no Planeta Atlântida, ia acompanhar meus filhos, mas me divertia bastante.

Quando Fábio fala de um momento musical marcante na sua vida, sente-se uma pontinha de orgulho:

"..." Eu acho que o grande momento foi ter dado esse passo aos quarenta e quatro anos, ter procurado aprender o instrumento que te trazia uma lembrança boa, uma harmonia boa, acho que foi isso."

Fábio diz que antes desse passo que deu em direção à música não tinha nenhum momento que o tivesse marcado de maneira especial, a não ser a sua participação em internadas artísticas nos tempos de CTG. Considera o canto, a dança, enfim tudo que envolva música tão importante quanto tocar um instrumento.

De todos os entrevistados, Paula pareceu ser a mais extrovertida, gosta de apresentar-se em público, sempre se oferece para tocar em festas e audições da escola. Diz que o seu momento mais marcante foi na sua formatura de acordeom, quando tocou no Teatro São Pedro. Menciona também como marcante em sua vida, a primeira vez que tocou em uma audição da escola em que estuda atualmente, foi em uma churrascaria: “ Foi a primeira vez que eu toquei em público depois de toda essa parada de anos, né, também foi bem marcante.”

Paula também revela que quando era jovem e tocava acordeom, participava de um conjunto musical: “... a gente tocava em clubes, fazia bailes, tocava em reuniões dançantes, toquei muitos anos assim. Essa época marcou muito a minha juventude.”

Maria é uma pessoa aparentemente tranqüila e os momentos musicais que recorda com saudade estão no passado, tempo em que tocava escaleta na banda do colégio: “... Recordo com saudades o tempo de colégio em que tocava na banda. Também numa época a gente formou um conjuntinho no colégio e a gente saía e tocava naquelas cidades da redondeza. Eu tocava escaleta, tinha uma que tocava violão, outra gaita. Tinha uniforme e tudo. As irmãs do colégio é que nos levavam. Era o máximo.”

5.3 COTIDIANO MUSICAL E A IMPORTÂNCIA DA MÚSICA

5.3.1 PAPEL DA MÚSICA NO COTIDIANO DOS ENTREVISTADOS

Ao analisar a presença da música no cotidiano dos entrevistados, percebi que mesmo de forma inconsciente, ela está sempre presente no dia a dia dessas pessoas.

Inês diz que a música faz parte de todos os seus momentos: “... ouvir música durante o dia significa que posso deixar de trabalhar um pouquinho, senão o resto do tempo é só trabalho, trabalho, trabalho...”. Já acorda de manhã com o rádio, entre uma notícia e outra ouve música. No carro e quando está no computador a música é uma constante. Quanto ao seu estudo no teclado, conta:

“...Eu praticamente passo toda a semana sem estudar e quando chega sexta-feira de noite, porque a minha aula é no sábado, prá não passar vergonha, aí eu toco bastante. Quando eu volto da aula eu toco bastante, aí eu às vezes me inspiro e já pego o acordeom. Então eu tô retomando umas partituras da década de setenta, coisas que eu fui lá na minha mãe e busquei, cadernos amarelados, músicas lá do tempo do êpa, né, aí eu vou retomando.”

Inês fala da grata satisfação que tem sido retomar o acordeom e que o estudo do teclado foi quem oportunizou. Diz ela: "... Tu nunca vai deixar de saber tocar, tu perde a habilidade, claro, os teus dedos não estão mais treinados, mas tu toca três ou quatro vezes, quando tu vê aquilo ali já vem automático."

Fábio gosta de estilos variados de música, mais as brasileiras e as estrangeiras que envolvam sax. Kenny G é seu ídolo, sempre que pode está ouvindo suas interpretações. Ouve muita música no rádio, cd, e sempre que tem oportunidade vai a shows. "... O dia a dia não permite, é muita música no carro mesmo, indo para o trabalho", conclui Fábio.

As aulas de teclado acontecem uma vez por semana e aos sábados tem um encontro na escola, juntamente com o professor e outros instrumentistas. A intenção é tocarem músicas com mais de um sax ou mesmo com um teclado. Conforme Fábio é difícil harmonizar mais de um sax e quando entra o teclado a coisa complica ainda mais.

Fábio esclarece: "... tem o tempo da música e muitas músicas a gente toca no sentimento, no seu tempo e o professor briga muito porque tem o tempo, a nota... Então no sábado a gente se reúne para fazer alguma coisa neste sentido." Em casa não estuda tanto quanto deveria ou gostaria, mas diz que apesar de não dominar por completo o instrumento, ele é muito prazeroso.

Antônio faz aula de música uma vez por semana e às vezes vai à escola aos sábados tocar com os colegas. Ele faz aula junto com Fábio. Confessa que raramente estuda em casa, que no carro só ouve notícias, que raramente ouve música, o que ele gosta mesmo é de tocar para si mesmo: "... Eu toco as músicas que tem uma melodia boa, que são fáceis e que eu consiga tocar bem. Não tenho um gênero específico de música, gosto no geral." Apesar de não ser muito dedicado nos estudos diz que normalmente sai da aula bem motivado.

Essa prática adotada pelo professor de Fábio e Antônio de estudarem aos sábados, reunindo vários colegas para tocarem juntos, inclusive colocando outros instrumentos, tal como o teclado, é bastante enriquecedora e permite um crescimento dos seus participantes, quer individual ou em termos de conjunto. Na minha opinião, creio que há um desenvolvimento maior e uma maior motivação por parte dos adultos para acompanhar seus colegas, uma atitude de ajuda, com cada um no seu ritmo, mas chegando a um andamento comum.

José conta que a música está presente no seu dia a dia, inclusive no trabalho e que aprecia dos mais variados tipos. Gosta muito de tocar para ele mesmo e em casa, sempre que pode, está estudando. Quando tem oportunidade não perde shows de música progressiva e concertos clássicos. Aliás, foi o único dos entrevistados que mencionou que gosta de ouvir música clássica.

Paula é a que se revela, pela sua fala, a mais apaixonada pela música. Diz que não saberia viver sem ela, escuta muita música no rádio. Adora tocar teclado e diz que em casa está sempre cantando. Escuta qualquer tipo de música, desde que seja alegre.

Maria faz aula de teclado uma vez por semana. Em casa estuda, conforme ela, às vezes todos os dias, às vezes dia sim e dia não, quase não ouve música no rádio. Além da aula de teclado, matriculou-se no curso de técnica vocal, pois adora cantar.

5.3.2 IMPORTÂNCIA DA MÚSICA

“A música é uma força geradora de vida, uma energia que envolve o nosso ser inteiro, atuando de forma poderosa sobre o nosso corpo, mente e coração. Além de alegrar, unir e congregar mensagens e valores, disciplinar e socializar, a música forma o caráter e favorece o desenvolvimento integral da personalidade, o equilíbrio emocional e social” (Prof^a, compositora e regente Maria Therezinha Kolling).

Ao questionar os entrevistados a respeito da importância da música, cada um tem uma maneira própria de defini-la e de falar sobre a importância dela em suas vidas, mas todos são unânimes em falar da alegria que a música leva para as que pessoas que estão a sua volta. A música faz lembrar momentos marcantes da vida, ou seja, ela meche com os sentimentos e as emoções. Entre os entrevistados a música aparece como meio de desinibição, elemento socializador, como um processo terapêutico, e muito mais, como diz a fala de José:

“... É tudo, é tudo, a música prá mim é o fundo, é a trilha sonora assim da vida, a música prá mim é tudo, é indispensável, música me equilibra, me resgata, me tranqüiliza, me acalma, me estimula, eu respiro música. Realmente, música prá mim é tudo. É como a poesia, como respirar o ar. Prá mim a música é muito importante.

“Música e poesia são duas artes da comunicação que vivem do som, da articulação, da expressão... Com valor em si mesmas, e não necessitando uma da outra para poder subsistir, os seus caminhos cruzam-se no universo fascinante da canção. “(
www.ipv.pt/forumedia/6/13.pdf)

Ainda com relação à importância da música em sua vida, José diz:

“... Eu sou muito gratificado, prá mim o teclado é como se fosse uma terapia, um refúgio um momento meu comigo mesmo, onde eu posso de repente despertar um potencial que tá lá adormecido em mim, que eu posso fazer que eu posso tocar.”

Antônio fala da função terapêutica, tanto física como espiritual da música, acha que ela cumpre bem o seu papel sob este aspecto. “A música, além de ser envolvente, ela atrai amizades”, completa ele.

A importância da música como elemento apaziguador do espírito foi mencionada por Inês. Diz ela: “A gente tá sempre correndo prá cima e prá baixo, né, prá sentir aquilo, incorporar, tem que prestar atenção, então ela te acalma.”

Paula fala da alegria que a música traz para sua vida, do vazio que ela preenche principalmente depois que os filhos casaram e saíram de casa. Diz ainda: “Estou muito feliz de ter reencontrado a música depois de tantos e tantos anos.”

Maria fala da importância que a música tem para ela: “É o momento em que saio das preocupações, é uma coisa que relaxa, é quase uma terapia. Depois que a gente se aposenta, principalmente, a música é uma coisa que preenche, apesar de eu ter muitas outras atividades, a música parece que é o que mais me relaxa.”

A música como elemento agregador foi mencionada por Fábio:

“a música agrega as pessoas, aproxima de ti as pessoas que tu queres bem. Além dela ser uma coisa muito prazerosa, através da minha vontade de tocar o instrumento tu acaba trazendo pro teu cotidiano, seja com a família, seja quando tu te encontra com os amigos, tu quer mostrar aquilo, tu quer tocar pros teus amigos verem, para tua família. E isso realmente me dá muito prazer. Prá mim ela é fundamental.”

O fazer musical evidencia grandes resultados positivos na vida dos indivíduos. Podemos observar a gama de situações em que aparecem, inclusive de ordem cotidiana. Ao serem questionados sobre esse tema, os entrevistados não discorreram amplamente, mas ficou evidenciado nas suas expressões os benefícios dessa prática.

A prática musical aciona regiões de prazer no cérebro e, conseqüentemente, ativa mudanças globais no estado do organismo. Damásio (2000, p. 355) argumenta que certas regiões do cérebro ligadas às emoções, enviam comando à corrente sanguínea e aos neurônios que, por sua vez, atuam sobre outros neurônios, fibras musculares ou órgãos, que liberam substâncias químicas na corrente sanguínea. Este estado prazeroso pode ter início já no processo de busca e de aproximação, o que leva organismo a descontraí-lo, tornar-se receptivo e aproximar-se do seu alvo.

Conforme Renner (2007, p. 84) é importante ressaltar a tomada de consciência dos sujeitos frente à presença da música em suas vidas. Há muita clareza dos efeitos sonoros para o seu bem estar. Esses indivíduos são observadores e têm conhecimento dos resultados que a prática musical traz às suas vidas.

Pode ser útil conceber o comportamento de um organismo como a execução de uma peça musical para orquestra, cuja partitura está sendo inventada à medida que a música se desenvolve. Assim como a música que ouvimos é o resultado de muitos grupos de instrumentos tocando juntos ao mesmo tempo, o comportamento de um organismo é resultado de vários sistemas biológicos atuando simultaneamente (Damásio, 2000, p.118).

5.4 PAPEL DA FAMÍLIA E REPERCUSSÃO SOCIAL

5.4.I PAPEL DA FAMÍLIA

“... É muito importante o papel da minha família, o meu marido, tu quer ver ele feliz é eu tá sentada tocando teclado, ele adora, ele adora...”

Como já pudemos constatar através das falas dos entrevistados, na sua infância e adolescência sofreram influências de diversas formas para que desenvolvessem o gosto pela música. A maioria deles conseguiu tocar algum instrumento ou, pelo menos, ter uma iniciação musical. Já naquela época a família exercia um papel muito importante. Devido às contingências da vida, abandonaram o sonho musical, seguiram por outros caminhos, que para a época lhe pareciam mais propícios.

Atualmente, os entrevistados vivem outra realidade: já adultos, família constituída, todos tem a sua profissão, o passado é mais dilatado agora, na medida em que o futuro diminui” (Mosquera, 1987, p. 96), é um momento para refletir , repensar posturas e valores e de recuperar sonhos que ficaram para traz. Conforme Torres (1995, p. 94), sempre é tempo de abrimos nosso “baú de sonhos” e tentar realizá-los.

Quando foram questionados a respeito do papel da família na sua vivência musical atual, a maioria disse que a família exerce um papel fundamental, pois se não tivessem o apoio dela, hoje não estariam tocando seus instrumentos musicais. Fábio fala de uma inversão de papéis:

“...Muitas vezes, na grande maioria das vezes eu ia até a escola ver os meus filhos apresentarem alguma coisa prá mim. Hoje é o contrário, eles participam quando a gente tem audição interna ou no final do ano, aí vem a minha esposa, meus dois filhos ,vem meu sogro, minha sogra, minha mãe, então você acaba envolvendo todo mundo. É isso evidentemente que tem que ter por parte da família , um apoio, porque é uma coisa extremamente saudável, salutar.”

Sempre que pode, Fábio estuda em casa, gosta de tocar e treinar suas músicas. Apesar de repeti-las bastante, disse que ninguém reclama do barulho, pelo contrário, sentam para ouvi-lo.

De todos os entrevistados, Antônio é o que se mostra mais reservado, inclusive em relação à família. Sempre repete que gosta de tocar para si mesmo, é bastante tímido e se classifica como covarde para apresentações em público. Quando tem eventos na escola evita convidar os pais: “são de idade avançada e é muita mão de obra trazê-los para tocar uma música,”, no entanto, diz que se emocionam muito quando tem oportunidade e toca para eles. Continua Antônio: “... Tenho duas filhas, uma de vinte e dois anos e uma de quinze. Elas até prestigiam, mas não estão muito engajadas. Eu também não propicio isto, na maioria das vezes eu nem as convido. São raras as vezes que tem algum evento na escola e que tem alguém da minha família. Eu acho até que me desvalorizo demais.”

José, tal como Antônio, também se considera uma pessoa muito tímida, gosta de tocar para si e o papel da família na sua vivência musical atual praticamente inexistente. Quando os filhos eram mais jovens, acompanhava-os nos eventos, shows de rock, existia um companheirismo, uma parceria, hoje em dia isso não acontece mais. José fala que curtir a sua música lhe basta e lhe preenche.

Inês, que estuda na mesma escola do filho juntamente com o marido, resume de maneira simples:

“... Então eu acho que o fato de toda a família estar envolvida, marido, filho e eu, isso é legal, porque na verdade a gente tem tolerância uns com os outros, ora eu vou lá, faço alguma coisa e eles têm que me escutar e a mesma coisa é quando eles estão aprendendo. O papel da família é de tolerância com todo mundo, tá no mesmo barco, todo mundo se tolera, né. Agora eu sei que ele vai tocar, vai dar as erradas dele, mas é necessário né.”

Inês conclui dizendo que os seus pais, que já estão bem velhinhos, são os seus maiores fãs. Não perdem nenhuma das audições da escola em que ela se apresenta. Sempre que tem oportunidade leva o teclado na casa dos pais e toca para eles, tanto o teclado como o acordeom, que está guardado na casa da mãe.

Paula diz que é fundamental o apoio da família. Com orgulho diz: “O meu marido, tu quer ver ele feliz é eu estar sentada tocando teclado, ele adora, ele adora, é o meu maior incentivador.” O marido e as filhas não perdem nenhuma das suas apresentações nas audições da escola, torcem por ela e a consideram a “artista da família”.

Maria diz que o marido a apóia bastante e muitas vezes pede que ela toque para ele. Como o filho também estuda teclado, os dois trocam muitas experiências e

isso é bastante salutar, assegura ela. Nas audições da escola ou em qualquer outra apresentação que faça, os dois estão sempre presentes lhe prestigiando e dando força.

5.4.2 - REPERCUSSÃO SOCIAL

“... Às vezes eu toco para um pequeno grupo de amigos, alguma festa em família, fora disso eu sou um cara covarde para esse tipo de coisa, eu não me arrisco muito, eu sou muito tímido, além do mais, por incrível que pareça, o pessoal não acredita muito na gente.”

Conforme Fábio, o sax é um instrumento fácil de ser transportado, isto propicia ser levado nos encontros com os amigos: “... a galera se diverte muito, me prestigia e me cobra bastante quando chego sem o instrumento.” Nas audições internas e externas da escola sempre faz as suas apresentações. No Natal e final de ano com a família, no churrasco com os amigos, a música está sempre presente. “Em algum momento específico tu faz a oportunidade de tocar,” diz ele.

Fábio propôs ao professor que também nas apresentações da escola fossem incluídos outros instrumentos. “Antes a gente apresentava o sax sozinho só os alunos de sax, depois se colocou o teclado e agora estamos estudando para uma audição com uma pianista e acho que isto é uma coisa natural que vai acontecer.” Fábio acrescenta ainda com certo ar de satisfação:

“... Eu tenho um fã muito importante no meu condomínio, é um menininho de um ano e meio, aproximadamente. Eu tenho nos fundos uma área de churrasco, que é onde eu treino, eu treino fora, na rua porque aí todos os vizinhos podem me ouvir, ou reclamar e esse menininho, quando ele escuta o sax, pede para o pai colocar ele no colo ou subir próximo onde eu esteja para olhar eu tocar. Ele já conhece o som. Isso vai despertar, provavelmente, um novo músico, uma criança interessada em música. Então acho que isso aí é muito, muito interessante.”

Sabemos que a criança ainda no útero materno já demonstra sensibilidade ao ambiente sonoro e responde com movimentos corporais. O ambiente sonoro e a presença da música em diferentes e variadas situações do cotidiano fazem com que os bebês e as crianças iniciem seu processo de musicalização de forma espontânea, intuitiva (Brito, 2003, p. 35). Portanto, ao mesmo tempo em que um bebê busca captar o evento sonoro-musical que lhe é oferecido, no nosso caso o som do sax, ele está também estruturando sua própria cognição.

Quando Antônio fala sobre a repercussão social do seu envolvimento com a música, diz que às vezes toca para um pequeno grupo de amigos, em alguma festa

em família, aniversário de alguém. “Fora disso eu sou um cara covarde para esse tipo de coisa, eu não me arrisco muito, eu sou muito tímido. Além do mais, por incrível que pareça, o pessoal não acredita muito na gente”, conclui.

José, tal como Antônio, também se diz ser uma pessoa tímida, não gosta de expor-se, gosta de tocar para si mesmo. Diz José:

“Eu gosto de tocar prá mim. Se eu estiver em algum lugar e as pessoas estiverem voltadas para outras coisas eu até pego meio discreto e fico de fundo dedilhando, fazendo alguma coisa, improvisando, aí eu me sinto à vontade, sei que eu não estou exclusivamente tocando para alguém, é como se estivesse sozinho em casa. A produtividade, o rendimento é melhor, daí tá espontâneo, tá sem cobrança, fica mais tranquilo. Se notar quem tem alguém me olhando, perco a concentração, fico perturbado, já tenho um bloqueio, já tem um fantasma antes de eu tocar.”

De vez em quando José participa de um grupo voltado para a religiosidade, onde têm muita música, cantos e hinos religiosos: “são orações cantadas”, como diz. Alguns instrumentos acompanham as músicas, tais como: violões, maracas, flauta, triângulo, bangô, ele toca maracá. Como José já estuda teclado há algum tempo, algumas pessoas lhe cobram, no sentido de que toque também o instrumento (teclado) nos seus encontros.

Inês acha que a primeira repercussão social do seu envolvimento com a música é ter podido novamente tocar para a família. Quando pequena, depois na adolescência, tocava para os pais e eles adoravam. Diz mais: “No dia das mães eu levei o teclado lá, peguei o acordeom, todas as partituras e toquei para eles, ficaram maravilhados, né, porque eu tinha retomado depois de tanto tempo, uma coisa que parece que nunca mais vai pegar.”

Quando têm audições na escola, Inês conta que os pais estão sempre presentes. Também sempre convida os amigos, colegas de trabalho, eles sempre a prestigiam. Referindo-se a um evento social, Inês recorda com detalhes:

“... aí um dia a gente fez uma coisa muito legal. Eu participo anualmente de uma banca de juízes do Prêmio Qualidade do RS, para escolher as empresas vencedoras. Isso é um evento que a gente faz todo o ano, é em Gramado e é bem estressante, a gente passa três dias julgando relatórios e no final tem sempre um jantar. Normalmente à noite o pessoal está muito cansado, come e vai embora. Tu tá num hotel maravilhoso e aí não aproveitam nada. Aí um amigo sugeriu que a gente se preparasse para fazer uma apresentação num desses encontros. Íamos ter aquilo como uma meta: no ano seguinte íamos fazer uma apresentação. Passamos o ano todo nos preparando para o próximo encontro em Gramado. Temos até um vídeo que a gente fez, nós tocando, escolhendo repertório, se encontrando em churrascaria, e, como havíamos planejado, fizemos uma surpresa para o pessoal. Foi no hotel Serrano, onde pagaram um jantar

para nós. Levamos os teclados, contratamos o cara do som, ninguém sabia de nada. Daí, no hotel, a gente colocou na cama dos colegas um convite: “Venha assistir a estréia dos Paralamas do Ritmo”, eles acharam que era alguma coisa do hotel, que nada, éramos nós da banca. Era eu, meu marido, um colega, a mulher dele que toca piano e os dois filhos, um toca bateria e o outro violão. Preparamos uma meia dúzia de músicas e fizemos a apresentação. No fim a gente contratou um estúdio e gravou um CD. Aí a gente vendeu e fizemos umas camisetas. A renda que obtivemos com a venda das camisetas foi revertida prá casa Menino Jesus de Praga.”

Inês diz que o pessoal gostou muito da surpresa, elogiou a preparação do grupo, que apesar de não ter muito tempo em função do trabalho, fez uma bela apresentação.

A escola onde Inês estuda está sempre fazendo apresentações em asilos e instituições de caridade, sempre que pode se candidata para tocar. Inês diz: “To procurando através da música dar um pouco de alegria, principalmente para os velhinhos (risos), um dia a gente vai tá lá também (risos).”

Paula diz que adora tocar teclado e sempre que solicitada pelos amigos e família o faz com muita satisfação. Nas audições e apresentações da escola sempre faz questão de participar, não tem medo da exposição, pelo contrário, diz sentir-se bem quando sobe em um palco e ver o seu esforço e dedicação com a música ser reconhecido pelas pessoas. “É muito gratificante tocar o instrumento que a gente gosta, a música que a gente gosta e sentir que as pessoas apreciam, se alegram com isso”, conclui Paula.

Maria, no momento se limita a tocar em casa, mas está pensando em participar de um grupo de voluntários que tocam em creches, asilos e hospitais. Seu desejo maior atualmente é de entrar para um coral, sempre gostou muito de cantar. Para isso matriculou-se nas aulas de técnica vocal, na mesma escola onde estuda teclado.

Pelos relatos que obtivemos, pudemos constatar que os entrevistados têm a preocupação de colocar o seu talento e a sua arte em prol de sua qualidade de vida e também dos mais necessitados, ou seja, os pobres, velhos, os doentes. É muito comum pessoas que procuram um aprendizado musical depois de adultas pensarem em realizar um trabalho de voluntariado e poder levar alegria para outras pessoas. Praticar a cidadania, compartilhar uma habilidade, aprender algo novo, ser um agente de mudanças, como forma de terapia, diversão ou por motivos religiosos, são alguns dos tantos motivos que levam essas pessoas a trabalhar em prol dos outros.

6. CONCLUSÃO

“Eu acho que não tem idade prá tu ser feliz, prá tu tocar, prá fazer tudo o que tu gosta.”
(Paula - Entrevistada)

Como foi mencionado na introdução desse trabalho, quando fui abordada a respeito do tema que iria escolher para futura investigação, logo me veio à mente minha própria experiência pessoal. Durante o curso de graduação, muitos amigos, parentes e conhecidos me perguntavam o porquê de estar fazendo um curso de graduação nesta altura da vida. Casada, três filhos criados, aposentada depois de quase trinta anos de trabalho, poderia estar aproveitando a vida de outra forma, viajando, passeando ou mesmo “fazendo tricô” dentro de casa.

Tal como Maria disse em uma das suas falas, “isso sempre me chamava”, era um sonho muito antigo, que nunca tivera condições de realizar. Em plena maturidade resolvi abrir o meu “baú de sonhos” e viver um mundo que ainda não tinha vivido.

Através dessa monografia resolvi investigar outras pessoas que, tal como eu, procuraram uma educação musical depois de adultas. A questão que norteou essa pesquisa foi saber os motivos que as levaram a fazer essa escolha.

Foram entrevistadas seis pessoas, com idades variando entre quarenta e quatro anos e sessenta e cinco anos, todas denominadas, conforme a classificação de Mosquera, Adultos Médios. Quatro deles ainda trabalham, uma é aposentada e outra do lar.

A idealização deste trabalho bem como a sua realização exigiu o desenvolvimento de várias habilidades que ainda não tinham sido exploradas durante o curso de licenciatura. A revisão bibliográfica, a escrita científica, o trabalho de campo, a análise dos dados, foram fases significativas dentro do processo de realização deste trabalho e que não se comparam a nenhuma outra atividade desenvolvida na graduação.

Muito se tem escrito sobre a infância e adolescência, porém pouco sobre a fase adulta, apesar de ela constituir-se no maior período da existência humana. Com o aumento da população de idosos, o interesse dos estudiosos por essa camada aumentou, porém, tive uma certa dificuldade de encontrar na literatura trabalhos específicos sobre a adultez média, foco desta investigação.

Na medida em que o trabalho foi tomando forma, que as análises das entrevistas foram sendo feitas, fui me sentindo mais próxima da realidade que investigava e mais segura para abordar os temas. Um mundo se desvelava à minha frente, mostrava a

infância, adolescência, trabalho, casamento, aposentadoria, realização de sonhos dos entrevistados e eu tinha que perceber e captar esse universo riquíssimo que se revelava diante de mim.

Muitas coisas foram faladas durante as entrevistas, os adultos revelando seus sonhos e objetivos em relação ao processo de musicalização, seus medos, frustrações e suas expectativas. Através dessas falas, ficou muito claro o quanto a música é importante na caminhada de vida deles, abrindo um espaço e merecendo um lugar no dia-a-dia corrido da dona-de-casa, do empresário, da engenheira, do administrador, do técnico em informática e da juíza aposentada, que apesar dessa condição tem muitas outras atividades durante o dia.

A música não necessita de grandes aparatos e não necessariamente a pessoa precisa ser jovem para aprender, é preciso ter, de um lado, alguém querendo aprender, cantar, tocar, ouvir, apreciar, improvisar e, do outro lado, um educador musical ou musicista com vontade de trocar suas experiências musicais, expor, criar, comentar, incentivar, refletir e avaliar.

O pensamento de Howard (1984, p.110) vem enriquecer e embasar esta idéia de apreciar e compreender a música, quando coloca:

“Para se compreender a música será necessário firmeza de sensibilidade, fruto da educação estética e psicológica. Apreciar a música significa compreendê-la com sensibilidade.”

No transcorrer das entrevistas ficou claro que as pessoas consideram que não existe um limite de idade ou barreira de classe social que impeça o adulto de procurar uma aprendizagem musical, basta ter vontade, coragem, sensibilidade e amor pela música. Sempre é hora de se permitir realizar velhos sonhos, sem grandes pretensões, sem cobranças, sem ter que correr contra o tempo.

O papel da família na vivência musical dos entrevistados mostrou ser de vital importância. Asseguram que sem o apoio recebido nada seria possível ou ficaria bem mais difícil.

Na minha seleção dos entrevistados, fiz questão de contemplar homens e mulheres em igual número. Quando o assunto é música as mulheres deixam transparecer mais afetividade no seu discurso como “amo”, “tenho paixão”, “adoro”. Já os homens são mais contidos e se limitam a termos como “eu prefiro”, “eu gosto”, “admiro”. Este poderia ser um tema a ser explorado em outros trabalhos.

É muito importante que a pessoa que vá trabalhar musicalmente com essa faixa etária esteja bem preparada, saiba lidar com as diferenças, seja paciente, respeite o ritmo de cada um, saiba estimular e valorizar seus alunos.

Pelas falas dos entrevistados percebe-se que há uma relação bastante forte dos indivíduos com a música e dos tantos benefícios que essa relação traz. Por esse

motivo, acredito que deveria haver um aprofundamento ainda maior da atuação da música como efeito propulsor do comportamento humano. O entrelaçamento homem\ mundo\ música deveria ser uma possibilidade que pudesse ser estendida a todas as pessoas.

REFERÊNCIAS

- BEYER, Esther (Org). *Idéias em Educação Musical*. Porto Alegre: Mediação, 1999.
- BOGDAN, Robert, BIKLEN, Sari. *Investigação Qualitativa em Educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto Editora, 1994.
- BONILLA, Karine da Cunha. *A função da música no cotidiano da Terceira Idade: Um estudo com idosos de Porto Alegre*. Projeto de Graduação, UFRGS, Instituto de Artes. Porto Alegre, 2002.
- BRESLER, Liora. *Pesquisa qualitativa em educação musical: contextos, características e possibilidades*. Revista da Abem nº 16, p. 7 a 16 , Março de 2007.
- COMIOTTO, Mirian Sirley. *Adultos Médios: Sentimentos e Trajetórias de Vida - Estudo Fenomenológico e Proposta de Auto-Educação*. Tese de Doutorado-UFRGS, Programa de Pós-Graduação em Educação, 1992.
- DAMÁSIO, Antônio. *O Mistério da Consciência*. São Paulo, Companhia das Letras, 2000.
- FISKE, Marjorie. *Meia Idade: A melhor época da vida?* São Paulo, Ed. Harper & Row do Brasil Ltda., 1981.
- FOUCAULT, Michel. Revista IHU online, edição nº 314, de 9.11.2009. Site www.ihonline.unisinos.br/indx.php
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia*. São Paulo, Editora Paz e Terra S/A, 1997.
- HOWARD, Walter. *A Música e a criança*. São Paulo: Summus, 1984.
- LAVILLE, Christian e DIONNE, Jean. *A construção do saber*. Porto Alegre: Artemed, 1999.
- LIDZ, Theodore. *A pessoa: seu desenvolvimento durante o ciclo vital*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983.
- LUZ, Marcelo Caíres. *Educação Musical na Maturidade*. Editora Som Ltda- São Paulo, 2008.
- MORAGAS, Ricardo. *Gerontologia Social- envelhecimento e qualidade de vida*. São Paulo: Paulinas, 1997.

MOSQUERA, Juan. Vida Adulta: Personalidade e Desenvolvimento. Porto Alegre: Ed. Sulina, 1987.

REMPLEIN, Heinz. Tratado de Psicologia Evolutiva. – Editora Barcelona: Labor, 2 1977.

RENNER, Kátia K. O Tempo Musical no Tempo do Sujeito: Ouvindo os fazedores de músicas da idade madura (manuscrito) – Dissertação de Mestrado – UFRGS. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação. Porto Alegre, 2007.

SANTOS, Cynthia Arrusul dos. Avaliação da execução musical: um estudo sobre critérios de avaliação utilizados por professores de piano. Dissertação de mestrado-UFRGS. Instituto de Artes. Porto Alegre, 1998.

SOUZA, Sonia Leal de. Relato de Experiência-Educação musical com idosos. - Texto retirado da Internet – Site UNATE- Universidade Aberta da Terceira Idade-UFRJ-(Textos sobre envelhecimento).

TORRES, Maria Cecília de A.R.. Processo de Musicalização de Adultos: Os sentimentos e as motivações. Dissertação de Mestrado - PUC/RS - Programa de Pós-Graduação em Educação. Porto Alegre, 1995.

VISCOTT, David. A linguagem dos sentimentos. São Paulo: Sumus, 1982.